

Viva os Camisas Negras

» JORGE SANTANA

Professor, doutor de história do Instituto Federal do Paraná e escritor

Uma música da torcida vascaína traz os seguintes versos: “Eu já lutei por negros e operários. Te enfrentei, venci, fiz São Januário Camisas Negras que guardo na memória. Glória, lutas, vitórias. Esta é minha história”. O cântico é entoado, a plebs pulmões, por motoboys, favelados da Barreira do Vasco, médicos, estudantes, metalúrgicos, maltrapilhos, entre outros aficionados pelo clube da Colina. Cantam em meio a bandeiras coloridas do orgulho LGBTQI+, pavilhões com o punho cerrado estampados e demais insígnias cruzmaltinas tremulando, pulando como se vivas estivessem.

O cântico que faz a arquibancada de São Januário tremer remete a uma das histórias mais bonitas e importantes do velho esporte bretão em terras tupiniquins. Em 1923, o Vasco da Gama chegou à primeira divisão carioca de futebol, torneio que, à época, era organizado pela Liga Metropolitana dos Sports Athetics, e conquistou seu primeiro título do campeonato carioca, uma campanha avassaladora (11 vitórias, dois empates e uma derrota). A equipe vitoriosa era composta por jogadores negros, operários e trabalhadores, que ficou conhecida como Camisas Negras.

O triunfo vascaíno despertou uma crise nos rivais. Na época, futebol era coisa de bacana, da elite, de gente fina e que tinha ojeriza ao trabalho e ao trabalhador braçal (“coisa de preto”). A solução encontrada por Flamengo, Fluminense, Botafogo e outros foi criar outra liga, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (Amea). E o clube da comunidade portuguesa, para se filiar à nova entidade, deveria

expulsar 12 de seus jogadores. Em comum, todos eram negros ou operários.

Segundo a nova liga, os 12 condenados da Colina “estariam em desacordo com os padrões morais necessários para a prática do futebol” e “condições sociais apropriadas para o convívio esportivo”. Parafraseando versos da canção Haiti, de Caetano Veloso, a questão era: “Como é que pretos, pobres e mulatos querem jogar o nobre football?”.

Em 7 de abril de 1924, José Augusto Prestes, presidente do Vasco da Gama, respondeu à liga com uma carta que, de tão importante e ousada, ficou conhecida como *Resposta Histórica*. No documento, ele discorreu sobre o preconceito de classe e raça, a discriminação contra seus jogadores e que não os excluiria. Dessa forma, desistia de fazer parte da nova entidade que reunia a elite dos clubes cariocas.

Como muitos historiadores já apontaram, o clube de origem lusitana não foi o primeiro a ter jogadores pardos e pretos em suas fileiras. O pioneirismo foi do Bangu Athletic Club, que era situado no subúrbio carioca, com a presença do jogador negro Francisco Carregal, em 1905. Contudo, a Liga Metropolitana não aceitou tamanho disparate, pois, dois anos mais tarde, o clube suburbano contava com dois negros em seu plantel: Carregal e Maia.

Em 1907, a Liga havia decidido pela expulsão do Bangu, conforme comunicado veiculado no jornal *Gazeta de Notícias*: “Communico-vos

que a directoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados como amator nessa liga as pessoas de côr. Para os fins convenientes ficou deliberado que a todos os clubs filiados se officiasse nesse sentido, afim daqueles scientes dessa resolução de acordo com ella posam proceder. Com alta estima e apresso etc.”

O Bangu foi obrigado a disputar a segunda divisão do carioca. O que há de diferente entre os casos do Bangu e do Vasco? Os dois clubes foram punidos por terem atletas negros. Contudo, a resistência vascaína resultou na aceitação do Vasco na Amea (primeira divisão carioca), com todos os seus jogadores, em 1925.

Teve papel especial nesse processo a *Resposta Histórica*. A carta configura um manifesto em defesa da inclusão e, ainda, uma denúncia do elitismo e racismo no futebol, o que fez da mesma um marco histórico na luta contra o racismo. Há 100 anos, o Vasco se colocava na linha de frente contra o racismo, em defesa da igualdade e da inclusão. Retorno aos versos da canção *Sou Vascaíno*, muito prazer: “Eu já lutei por negros e operários”. Sim, o Vasco foi um dos que lutaram pelos negros, ou melhor, junto aos negros contra o racismo.

Nesses 100 anos, não podemos nos esquecer dos Camisas Negras que desafiaram o racismo e chutaram o preconceito para fora do estádio. Ainda não erradicamos o racismo sequer do futebol, como revelam os dados do relatório do Observatório contra a Discriminação Racial no Futebol. Contudo, é tempo de celebrar aqueles e aquelas que enfrentaram os racistas. Viva os Camisas Negras!



O poder do beijo

» ALAOR CARLOS DE OLIVEIRA NETO

Coordenador do Serviço de Psiquiatria do Hospital Alemão Oswaldo Cruz

Um casal com seus corpos entrelaçados e cobertos em mantos elaborados com cores vivas e reluzentes, onde os limites de um e outro se mesclam, transformando-os em um só. O rosto do homem não é revelado, ele beija a face de uma mulher, e suas mãos, gentilmente, abraçam-na em seu rosto. Os olhos da mulher estão cerrados, enquanto um de seus braços envolve o pescoço do homem, e o outro repousa gentilmente sobre sua mão. Assim, desde 1908, a obra *O Beijo*, do pintor Gustav Klimt, cativa seus espectadores com a imagem de dois amantes em um momento de intensa ternura. Além das razões técnicas, estéticas e de estilo artístico, o poder dessa obra está em sua sensibilidade de revelar uma singela cena de afeto evocando ideias de amor, intimidade, sensualidade e sexualidade.

A demonstração física do afeto é uma ferramenta necessária na construção de laços interpessoais, é a maneira como nos comunicamos corporalmente com quem nos relacionamos. Mas, mais do que um canal de comunicação sensorial entre as pessoas, a demonstração do afeto é necessária para a formação de nossa identidade e para o desenvolvimento cerebral.

Um evento histórico e trágico que comprova a importância do afeto no desenvolvimento infantil e individual é o desfecho da política de estímulo ao aumento das taxas de natalidade na Romênia sob a ditadura comunista de Nicolae Ceausescu, entre as décadas de 1960 e 1980, e que levou ao número assustador de 170 mil crianças morando em orfanatos quando da deposição do regime em 1989. A crise política

e econômica vivida pelos romenos à época levou tais instituições a negligenciar os cuidados básicos infantis, sem haver espécie alguma de troca afetiva com as crianças. O resultado nefasto disso, avaliado em pesquisas subsequentes, foi a constatação de déficits intelectuais, dificuldade dessas crianças em identificar expressões afetivas e alterações comportamentais com prejuízos significativos na vida adulta.

Desde o primeiro dia de vida, a interação do bebê com seus cuidadores transforma-se em uma ferramenta fundante para o desenvolvimento cerebral: conversas, olhares, colo, beijos e afagos são determinantes para o desenvolvimento biológico adequado. Por meio do afeto, construímos nossa rede neural que implicará desenvolvimento emocional e cognitivo futuro. A experiência de emoções, sentimentos e afetos positivos é peça estrutural para o desenvolvimento das características de resiliência, do florescimento intelectual, da vitalidade, do bem-estar e da vivência de felicidade. Em última análise, contribui para o bem-estar físico e emocional. No nível neuroquímico, isso ocorre por uma intrincada relação entre neurotransmissores, neuropeptídeos e hormônios em vias cerebrais relacionadas à experiência do prazer, da recompensa e de outras emoções positivas.

Dentre as demonstrações de afeto, o beijo tem papel de destaque tanto pela variedade de seus significados como pela complexidade biológica de seu ato. A boca humana é a região em que a pele é mais fina e, ao mesmo tempo,

densamente inervada por neurônios sensoriais. Quando uma pessoa une seus lábios com os de outro alguém, nesse ato, há uma intensa troca de estímulos táteis, aromas, sabores e emoções; informações essas carregadas quimicamente por moléculas relacionadas ao sistema imune, hormonal e da neurotransmissão cerebral do indivíduo. Tudo isso desencadeará uma série de sensações intensas, prazerosas e até mesmo físicas em ambas as pessoas.

Essa fusão de corpos transmite dados processados tanto no nível consciente como inconsciente do indivíduo. Um beijo pode carregar consigo significados sociais diversos: ser amoroso, social, afetuoso, erótico e até mesmo transmitir emoções falsas. Mas, quando o ato de beijar alguém é motivado por emoções positivas, isso repercute na própria vivência de bem-estar, na diminuição das taxas relativas de substâncias corporais associadas ao estresse, estimula áreas cerebrais relacionadas a centros de prazer, intensificando a experiência que motivou o comportamento do beijo em um ciclo vicioso, mas também virtuoso.

A anatomia de um beijo é bastante complexa e, mais do que destrinchada em sinapses dopaminérgicas (neurotransmissão que promove sensação de humor e prazer), produção de ocitocina, redução do cortisol e ativação de áreas cerebrais em nosso sistema límbico e córtex pré-frontal, um beijo precisa ser vivido. Desejo que você, caro leitor, possa celebrar o dia do beijo desfrutando de muitas vivências afetuosas. Afinal de contas, seja pela intuição, seja pela ciência: beijar faz bem.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Com as tintas da razão

Planejamento é tudo. Seja para o que vier a ser feito. Aliás, essa é uma das principais características a dar status, dentro da criação, diferenciando os seres humanos das demais espécies existentes no planeta. Foi justamente esse atributo que possibilitou a sobrevivência da nossa espécie: a capacidade de pensar além do presente, projetando a vida para depois de amanhã.

Ainda hoje, quando teimosamente deixamos de lado essa qualidade e não planejamos nada, deixando o barco ser levado pelos ventos de ocasião, normalmente nos deparamos com problemas sérios. Se a capacidade de planejar é importante e vital para cada um de nós, imagina, então, para toda uma cidade, com sua complexidade e seu tamanho, que vai nos servir de moradia e abrigo por um longo tempo.

Cidades, desde sempre, não lograram subsistir, ao longo de toda a história da civilização humana, sem o devido planejamento. Não é por outra razão que as melhores cidades do mundo são justamente aquelas que devotam grande importância ao ato de planejar. Aqui mesmo, está Brasília, a capital de todos os brasileiros, planejada para ser o centro das mais importantes decisões do país. Uma espécie de torre de comando nesse imenso transatlântico chamado Brasil.

Mesmo antes de chegar ao papel, os principais eixos urbanos dessa que seria posteriormente um Patrimônio Cultural da Humanidade já existiam na cabeça de seu idealizador. A razão, aliada a um minucioso planejamento, fez da cidade o que ela é hoje — ou, na realidade, o que poderia ter sido caso fossem respeitados e seguidos, ao longo de décadas, os mesmos princípios que nortearam sua concepção.

O crescimento demográfico acelerado experimentado pela capital depois da chamada maioria política, por características próprias, muitas delas, embasadas em critérios políticos eleitorais e momentâneos, trouxe sérios problemas não só para o complexo urbano, mas, sobretudo, para a infraestrutura da cidade, que teve que ser ligeiramente adaptada ou acochambreada a uma nova realidade criada artificialmente.

Os seguidos e teimosos processos de moldar a cidade aos desejos da nova elite política no controle da cidade resultaram no que presenciamos dia a dia. Hoje, é consenso entre os urbanistas que Brasília caminha, a passos largos, para uma espécie de envelhecimento precoce, tornando a cidade idêntica, em problemas, às demais capitais do país. Congestionada em suas vias públicas e em seus serviços à população, a administração da cidade representa agora um grande desafio para seus gestores, principalmente para aqueles munidos da certeza de que, sem planejamento, é impossível prosseguir.

As manchetes diárias apresentadas em todos os noticiários locais comprovam que a cidade vive, a cada dia, envolta em problemas de toda a ordem. Na última quinta-feira, a chuva volumosa inundou com uma enxurrada de água e lama toda a rua da comercial da 202 Norte, causando prejuízos incalculáveis aos comerciantes e para aqueles que estavam naquela localidade. Carros e lojas foram tomados pela lama. Na origem do problema, estão as obras feitas nas quadras 100 e acima. Pena que faculdades de arquitetura e urbanismo da cidade não se ocupem de realizar um levantamento sobre os pontos sensíveis e sujeitos a calamidades existentes hoje na capital, fazendo o trabalho em parceria com a Secretaria de Planejamento. A bem da verdade, a própria Universidade de Brasília (UnB) foi palco de catarras com água da chuva empurrando portas das salas, avançando pelos corredores.

Em vários pontos da capital, as chuvas fortes deste ano mostraram a fragilidade da cidade diante desses fenômenos. Na maioria desses casos, a raiz do problema pode ser encontrada em obras emergenciais, realizadas sem a preocupação de um macro e cuidadoso planejamento.

A extensa avenida W3, Sul e Norte, que poderia ser o cartão de visita e um vigoroso centro da economia do Plano Piloto, está tomada por invasões de lata, instaladas não só nas paradas de ônibus como por todas as quadras, criando problemas para a cidade e seus moradores, apenas para atender as necessidades de um e outro comerciante.

Sem planejamento, temos os exemplos vistosos, como os casos do Estádio Mané Garrincha e do Burititinga, que consumiram bilhões de reais dos contribuintes locais e seguem erguidos como verdadeiros elefantes brancos, lembrança da falta de planejamento. Difícil hoje encontrar um prédio comercial que não esteja fora dos padrões normatizados. São puxadinhos de todo o tipo, a avançar sobre áreas verdes e vias públicas e aéreas.

A descaracterização da cidade segue em ritmo ligeiro e toma impulso maior. Sem essa ideia de futuro e de preocupação com a qualidade de vida para as próximas gerações, que espécie e modelo de capital teremos no futuro para justificar o título de Patrimônio Cultural da Humanidade? Essa é uma questão que merece ser pensada e, sobretudo, planejada com as tintas da razão.

A frase que foi pronunciada:

“Não adianta deixar um dragão vivo fora dos seus cálculos, se você mora perto dele.”

JRR Tolkien, *O Hobbit*

História de Brasília

As contas de telefones estão chegando com atraso ao Banco do Brasil, e, quando chegam, são avolumadas, criando dificuldades orçamentárias para a maioria dos assinantes. (Publicada em 6/4/1962)